

## Índice

Prólogo	7
1. A Cabana Abandonada	9
2. À Beira do Mar	19
3. O Filho de Vorski	33
4. Os Infelizes de Sarek	49
5. «Quatro Mulheres Crucificadas...»	63
6. <i>Tudo-Vai-Bem</i>	79
7. François e Stéphane	93
8. Angústia	103
9. A Câmara da Morte	115
10. A Fuga	125
11. O Flagelo de Deus	139
12. A Subida do Gólgota	153
13. <i>Eli, Eli, Lamma Sabachthani!</i>	167
14. O Velho Druida	181
15. A Sala dos Sacrifícios Subterrâneos	195
16. A Laje dos Reis da Boémia	213
17. «Príncipe Cruel às Ordens do Destino...»	225
18. A Pedra-Deus	239
Epílogo	245

## Prólogo

A guerra provocou tal desorientação que bem poucas pessoas se lembram hoje do que foi, há alguns anos, o escândalo de Hergemont.

Recordemos os factos em poucas linhas:

Em Junho de 1902, o Sr. Antoine de Hergemont, autor de apreciados estudos sobre os monumentos megalíticos da Bretanha, passeava no bosque com a sua filha Véronique, quando foi assaltado por quatro indivíduos e derrubado por uma bengalada que o atingiu no rosto.

Após breve luta, e apesar dos seus esforços desesperados, Véronique, a «bela Véronique», como era conhecida entre os amigos, foi arrastada para um automóvel, que os espectadores desta rápida cena viram afastar-se para os lados de Saint-Cloud.

Rapto rotineiro, porque no dia seguinte vinha a apurar-se a verdade: o conde Alexis Vorski, jovem fidalgo polaco de péssima reputação, mas de bonita figura, e que se dizia de sangue real, amava Véronique d'Hergemont, e Véronique amava-o. Rejeitado pelo pai, insultado em diversas ocasiões, preparara a aventura sem que Véronique, aliás, tivesse nela a menor cumplicidade.

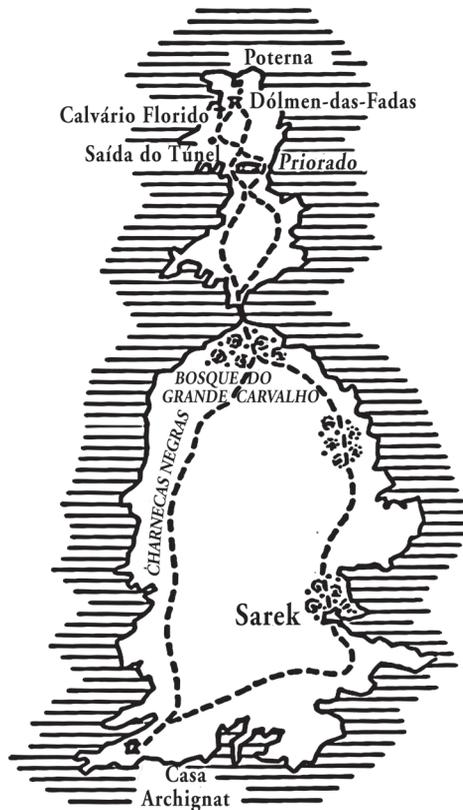
Publicamente, Antoine de Hergemont, que era — certas cartas tornadas públicas assim o atestaram — violento, taciturno e que, pelo seu humor caprichoso, egoísmo feroz e sórdida avareza, havia tornado a filha muito infeliz, jurara vingar-se da forma mais implacável.

Deu o seu consentimento ao casamento, que se realizou dois meses depois, em Nice. Mas no ano seguinte começou a circular uma série de notícias sensacionais. Fiel ao seu juramento de ódio, o Sr. d'Hergemont raptou por sua vez a criança nascida do casamento da filha com Vorski e, em Villefranche, embarcou num pequeno iate de recreio que comprara recentemente.

O mar estava bravio e o iate afundou-se ao largo da costa italiana, tendo os quatro tripulantes sido recolhidos por um barco. De acordo com o seu testemunho, o Sr. d'Hergemont e a criança haviam desaparecido no meio das vagas.

Perante estas provas, Véronique entrou para um convento de carmelitas.

Estes são os factos. Catorze anos mais tarde, iriam dar origem à aventura mais espantosa e extraordinária que se possa imaginar. Aventura autêntica, contudo, embora alguns pormenores lhe confirmaram, à primeira vista, certo cunho fantástico. Mas a guerra complicou a existência a tal ponto que os acontecimentos que se passam fora dela, como os do relato que se vai seguir, emprestam ao drama algo de anormal, de ilógico, por vezes mesmo de milagroso. É preciso toda a límpida luz da verdade para dar a esses acontecimentos o toque duma realidade, afinal de contas, bastante simples...



## A Cabana Abandonada

Numa manhã de Maio, a pitoresca aldeia de Faouët, situada mesmo no coração da Bretanha, viu chegar num automóvel uma senhora, cujo amplo traje cinzento e o espesso véu que lhe encobria o rosto não impediam que se lhe distinguisse a beleza e graça verdadeiramente notáveis.

A dama almoçou rapidamente na pousada principal e, por volta do meio-dia, disse ao gerente que lhe guardasse a mala, pediu algumas informações sobre a região e, atravessando a aldeia, meteu-se pelos campos.

Pouco depois, deparou com dois caminhos: um dirigia-se a Quimperlé, o outro a Quimper. Ela escolheu este, desceu ao fundo de um vale, que atravessou, subiu a outra encosta e avistou, à direita, à entrada de um caminho vicinal, uma placa indicadora com o aviso: Locriff, três quilómetros.

— Eis o lugar — disse para consigo.

Entretanto, tendo lançado um olhar em volta, ficou surpreendida por não encontrar o que procurava. Teria compreendido mal as instruções que lhe haviam dado? Em redor, ninguém, e ninguém até ao horizonte das campinas bretãs que se erguiam por entre prados marginais de árvores e colinas ondulantes. Um pequeno castelo emergia da verdura tenra da Primavera, erguendo perto da aldeia uma fachada cinzenta onde todas as janelas tinham as portadas fechadas. Ao meio-dia, as badaladas do ângelus encheram o espaço. Depois voltou o grande silêncio e a grande paz.

Ela sentou-se então na erva dum barranco e tirou do bolso uma carta, de que foi desdobrando as numerosas folhas.

A primeira página trazia, no alto, o nome da seguinte firma:

Agência Dutreillis  
Gabinete de consulta  
Informações confidenciais  
Discrição

Depois, por baixo, este endereço:

À Sr.<sup>a</sup> Véronique, Modas, Besançon

Leu:

Minha Senhora,

Não poderá calcular com que prazer me incumbi da dupla missão de que se dignou encarregar-me pela sua estimada carta deste mês de Maio de 1917. Jamais esqueci as condições em que me foi possível, há já catorze anos, tê-la ajudado com tanta eficácia, quando dos penosos acontecimentos que ensombraram a sua existência. Fui eu, com efeito, quem obtive todas as provas relativas à morte do seu caro e respeitável pai, o Sr. Antoine de Hergemont, e do seu bem-amado filho François — primeira vitória duma carreira que me devia proporcionar tantas outras igualmente brilhantes.

Fui eu também, peço-lhe que não se esqueça, quem — a seu pedido e verificando quanto era inútil tentar subtraí-la ao ódio, e, sejamos francos, ao amor do seu marido — tomou as necessárias providências para a sua entrada no convento das carmelitas. Fui eu, finalmente, quem, porque o seu retiro nesse convento demonstrou ser a vida religiosa contrária à sua natureza, lhe arranjou esse humilde lugar de modista em Besançon, longe das cidades onde se passaram os anos da sua infância e as semanas do seu casamento. A senhora tinha gosto, necessidade de trabalhar para viver e para não pensar. Devia vencer. A senhora venceu.

E estamos chegados ao facto, ao duplo facto que nos interessa.

Antes de mais, uma pergunta: que fim levou, na tormenta, o seu marido, o senhor Alexis Vorski, polaco de nascimento, no dizer dos seus papéis, e filho de rei, segundo afirmava? Serei breve. Suspeito

que, internado desde o começo da guerra num campo de concentração, perto de Carpentras, o senhor Vorski fugiu, passou-se para a Suíça, voltou a França, foi preso, acusado de espionagem e apurou-se ser alemão. Pela segunda vez, quando inevitavelmente o esperava uma condenação à morte, fugiu, desapareceu na floresta de Fontainebleau e, finalmente, foi apunhalado não se sabe por quem.

Conto-lhe tudo isto assim friamente, minha senhora, porque sei o desprezo que vota a este indivíduo, que a traiu abominavelmente, e porque sei também que já conhece pelos jornais a maior parte destes factos, sem todavia ter podido verificar se eram verdadeiros.

Mas há provas. Eu vi-as. Não há qualquer dúvida. Alexis Vorski está enterrado em Fontainebleau.

E eu permito-me de passagem, minha senhora, fazer-lhe notar a estranheza dessa morte. Deve lembrar-se, certamente, da curiosa profecia de que me falou e que dizia respeito ao senhor Vorski. O senhor Vorski, cuja real inteligência e energia pouco comum eram neutralizadas por um espírito falso e supersticioso, preso de alucinações e de terrores, ficara fortemente impressionado com essa profecia que pesava sobre a sua vida e lhe havia sido feita por diversas pessoas versadas ena ciências ocultas: «Vorski, filho de rei, morrerá às mãos dum amigo, e a mulher será crucificada.» Rio-me, senhora, ao escrever estas últimas palavras. Pregada na cruz! Crucificada! É um suplício um tanto já passado de moda e, por isso, estou tranquilo a seu respeito. Mas que pensa a senhora da punhalada recebida pelo senhor Vorski, de acordo com as misteriosas ordens do destino?

Basta, porém, de reflexões. Trata-se agora...

Véronique deixou cair por momentos a carta nos joelhos. As frases pretensiosas, as brincadeiras familiares do Sr. Dutreillis feriam a sua delicadeza e, depois, a imagem trágica de Alexis Vorski obcecava-a. Um frémito de angústia percorreu-a à terrível lembrança daquele homem. Dominou-se e continuou a ler:

Trata-se agora, senhora, da minha outra missão, a mais importante para si, pois tudo o resto pertence ao passado.

Determinemos os factos. Há três semanas, numa dessas raras ocasiões em que a senhora consente em quebrar a monotonia tão digna da sua existência, numa quinta-feira à tarde, quando a senhora acompa-

nhou os seus empregados ao cinema, um pormenor verdadeiramente inexplicável chamou-lhe a atenção. O filme principal, intitulado *Lenda Bretã*, apresentava durante uma peregrinação uma cena que se passava à beira de uma estrada, diante de uma pequena cabana abandonada, a qual, aliás, nem era utilizada na acção. Evidentemente, era um elemento de puro acaso. Mas qualquer coisa verdadeiramente anormal atraiu a sua atenção: sobre as tábuas alcatroadas da velha porta, havia, traçadas à mão, estas três letras: V. d'H., a estas três letras eram, pura e simplesmente, a sua assinatura de solteira, a mesma que usava nas suas cartas familiares e que não mais utilizou, sequer por uma vez, nos últimos catorze anos! Véronique d'Hergemont! Nenhum erro possível. Duas maiúsculas separadas pelo *d* minúsculo e pelo apóstrofo e, o que é mais, a barra da letra H, revirada sobre as três letras, na abreviatura característica tal como a senhora então usava!

Minha senhora, foi a surpresa provocada por esta espantosa coincidência que a levou a solicitar o meu auxílio, porque sabia que podia contar antecipadamente com ele. E, antecipadamente também, sabia que esse auxílio seria eficaz.

Como previu, minha senhora, fui bem-sucedido.

E, sempre segundo o meu hábito, voltarei a ser breve.

Apanhe, em Paris, o expresso da tarde que a deixará, na manhã seguinte, em Quimperlé. Daí, siga de automóvel até Faouët. Se tiver tempo, antes ou depois do almoço, visite a curiosíssima Capela de Santa Bárbara, encarrapitada num sítio bastante estranho e que serviu de cenário ao filme *Lenda Bretã*. Depois, siga a pé pela estrada de Quimper. Ao fim da primeira subida, pouco antes do caminho vicinal que conduz a Locriff, encontra-se, num semicírculo rodeado de árvores, a cabana abandonada que tem a inscrição. Nada de especial a caracteriza. No seu interior não há nada, nem soalho. Uma tábua apodrecida servia de banco. Por tecto, um madeirame carunchoso através do qual a chuva entra. Mais uma vez, não há dúvida de que foi o acaso que a colocou no campo de visão do cinema. Acrescentarei, para terminar, que o filme *Lenda Bretã* foi rodado em Setembro último, o que faz com que a inscrição remonte, pelo menos, a oito meses atrás. E pronto. A minha dupla missão está terminada. Sou demasiado discreto para lhe dizer por que esforços e meios engenhosos consegui desempenhar-me dela em tão pouco tempo, sem que a senhora achasse ridícula a soma de quinhentos francos, à qual limito o preço da minha intervenção.

Rogo-lhe que aceite os meus...